



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

PRISCILA DIAS MEIRA

BULLYING: A FRATURA DAS RELAÇÕES DENTRO DA ESCOLA

Salvador
2010

PRISCILA DIAS MEIRA

BULLYING: A FRATURA DAS RELAÇÕES DENTRO DA ESCOLA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Celma Borges Gomes

Salvador
2010

TERMO DE APROVAÇÃO

PRISCILA DIAS MEIRA

BULLYING: A FRATURA DAS RELAÇÕES DENTRO DA ESCOLA

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Celma Borges Gomes (Orientadora) - Universidade Federal da Bahia

Prof^o Dr. Cleverson Suzart Silva - Universidade Federal da Bahia

Prof^a. Dr^a. Rosângela Costa Araújo - Universidade Federal da Bahia

Salvador, 13 de Dezembro de 2010

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, os meus primeiros professores. Amor singular.

A minha irmã, pelo apoio e carinho, sempre.

A minha família no geral.

Ao meu afilhado, por cada sorriso revigorante.

Aos meus laços de amizade: as “neuróticas”, as minhas jurássicas amigas dos tempos do colégio, as amigas do G3, aos meus amigos dos antigos trabalhos, a minha amiga de Pernambuco, aos meus amigos virtuais, enfim a todos aqueles que sabem que tem um lugar muito especial em meu coração.

A professora Celma Borges pela atenção, carinho e compreensão ao longo desse semestre.

A todos os professores que passaram pela minha vida; aos bons, que me fizeram enxergar além do conteúdo curricular e aos ruins que me ensinaram a não ser como eles.(risos)

As crianças, adolescentes e adultos que foram meus alunos ao longo da vida acadêmica.

A cada pessoa que durante a minha trajetória, me presenteou com um sorriso, com um olhar amigo, um simples bom dia ou um adeus com alegria.

A Deus, por me proteger e me dar forças para seguir em frente.

RESUMO

Esta monografia tem por finalidade analisar o comportamento violento entre estudantes, conhecido como *bullying*, suas especificidades e conseqüências na vida dos adolescentes dentro do contexto escolar. O estudo de base teórica trás uma breve análise sobre violência, convergindo para o caso do *bullying* nas escolas, onde é abordado seu significado, o histórico, os envolvidos nessas práticas agressivas, como as vítimas, os agressores e as testemunhas, as conseqüências danosas, suas manifestações na *internet* e as iniciativas *antibullying*. Após o conhecimento do fenômeno foi analisado como este pode interferir no período da adolescência, fase marcada pelas transformações físicas e psíquicas, pela exploração de si mesmo, pela autoafirmação, pelas icógnitas que tensionam o cotidiano, onde a importância dos pares ganha dimensões e os grupos passam a servir de ponte entre a família e a sociedade, sendo que essa socialização acaba sendo prejudicada pelo bullying que tende a estimular o isolamento social.

Palavras-chave: violência, bullying, adolescência

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. UM BREVE OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA.....	9
3. O TURBULENTO BULLYING.....	14
3.1 O QUE É BULLYING.....	15
3.2 HISTÓRICO.....	18
3.3 OS ENVOLVIDOS.....	20
3.4 AS CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING.....	24
3.5 BULLYING VIRTUAL OU CYBERBULLYING.....	26
3.6 INICIATIVAS ANTIBULLYING E LEGISLAÇÃO.....	29
4. O ADOLESCENTE E O BULLYING.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42

1. INTRODUÇÃO

A violência no ambiente educacional é um sintoma social que alavanca debates e reflexões devido à intensidade e frequência com que ocorre nos dias de hoje. Seja pela presença da violência dentro de casa ou pela passividade familiar anulando os limites da criança e do adolescente ou pelos comportamentos socialmente ensinados pelos meios de comunicação, o fato é que a violência entra na escola e se manifesta de diversos modos, como é o caso do *bullying*.

O *bullying* é compreendido como um tipo específico de violência. Há alguns anos era visto como uma situação normal dentro de uma escola e muitos pais e educadores achavam que as crianças e adolescentes tinham que aprender a se defender sozinhos. Não que esse desamparo fosse algo proposital, mas como eles viram ou passaram por isso quando estavam no período escolar, não atribuíam a devida gravidade a essas agressões disfarçadas de “brincadeiras” que podem deixar de ser um problema dentro da escola para se tornar caso de polícia.

O abuso de poder, a intimidação, a arrogância, as perversidades físicas e psíquicas no geral, são algumas vias estratégicas utilizadas pelos praticantes de *bullying* para impor sua autoridade e manter o controle das vítimas. Os alvos normalmente se escondem através do silêncio, o que contribui para prolongar ainda mais o sofrimento.

Lopes Neto (2005) diz que o fenômeno *bullying* é complexo e de difícil solução, mas é preciso ser combatido continuamente através de ações educativas trabalhadas na escola, com o auxílio das famílias para estimular comportamentos positivos. Mas as estratégias não podem ser padronizadas, afinal devem considerar o perfil social, econômico e cultural de sua população.

Diante dessa situação, como o *bullying* pode interferir na relação entre adolescentes dentro do contexto escolar? Visto que o jovem está em processo de maturação das habilidades sociais e os grupos assumem um papel fundamental. São os indivíduos da mesma idade que possibilitam ao jovem enfrentar as modificações que se operam no corpo e no seu modo peculiar de ver e sentir a realidade.

Em vista desta questão, os objetivos deste trabalho são: o de analisar o *bullying*, suas manifestações e conseqüências, conhecer a caracterização do bullying, buscar compreender a fase delicada da adolescência e provocar nos educadores uma reflexão sobre o tema.

A justificativa para realizar esse trabalho é o fato de que o *bullying*, assim como todo tipo de violência, deve ser estudado pela comunidade escolar com o intuito de estimular ações educativas contra essas práticas agressivas, que prejudicam a formação e o desenvolvimento social e psíquico dos indivíduos envolvidos em tais agressões deliberadas, visto que a escola é um dos ambientes de socialização onde o aluno desenvolve ao longo dos anos o autoconceito, a sua autoestima, a percepção do outro e quanto mais precoce for criado um clima moral na instituição visando não tolerar estes atos, mais saudável poderá ser a formação destes alunos. Sendo assim, compreender a forma deste comportamento destrutivo dentro das relações sociais no ambiente escolar é de significativa importância já que podem gerar conseqüências marcantes.

A pesquisa é de base teórica, onde foi feito um levantamento de literaturas disponíveis sobre o tema. A revisão bibliográfica foi utilizada para buscar as mais variadas contribuições de autores que tratam de violência como Bobbio, Matteuci e Pasquino (1991), Abramovay e Rua (2002), Charlot (2002) dentre outros, assim como Pereira (2002), Fante (2005), Lopes Neto (2005), Silva (2010) que especificam sobre essa forma de violência conhecida como *bullying* e suas conseqüências. A análise teórica evidencia uma organização coerente de idéias originadas de bibliografias. (TACHIZAWA E MENDES,2003,p.45)

Na segunda parte do trabalho, é abordada a questão da violência de uma forma geral, onde é feito um breve olhar sobre sua conceituação, suas formas e a presença desta nas escolas.

Na terceira parte, a abordagem converge para as especificidades do *bullying*, expondo o conceito, o histórico, os personagens envolvidos nessa prática, as conseqüências, um outro tipo de *bullying*, conhecido como *cyberbullying* e por fim, as iniciativas *antibullying* e algumas leis que já vigoram pelo país.

Na quarta e última parte é analisado como o *bullying* pode interferir na fase da adolescência, período conturbado de transição, onde as transformações físicas e psíquicas reforçam a fase da instabilidade emocional e conflitos pessoais.

A pretensão deste trabalho não é a de expor soluções para o problema, mas sim, mediante a abordagem do assunto, provocar, estimular reflexões para que o *bullying* receba a devida atenção, não sendo confundido com brincadeiras ou desavenças próprias da idade.

2. UM BREVE OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA

Pensar em violência é refletir sobre a complexidade do ser humano e suas relações com o mundo. A presença desta na escola é frequente, afinal como subsistema da sociedade, a instituição escolar não fica isenta dos distúrbios e descontroles sociais, o que potencializa a preocupação de pais e educadores.

O comportamento transgressor e agressivo se torna cada vez mais banal nos dias de hoje. A violência é onipresente, se dissemina como vírus. Nos noticiários, os reflexos de uma sociedade desgastada, com uma ineficiente segurança pública alimentando o ciclo da degradação. Traficantes que impõem toque de recolher nos ambientes de seu domínio; jovem estudante de medicina que invade o cinema e atira contra as pessoas; pai que espanca o filho recém-nascido porque este não parava de chorar; brigas de trânsito que terminam em assassinato; alunos que enfiam a cabeça do colega na privada porque não gostaram do seu corte de cabelo; pais que violentam as próprias filhas; assaltante que após roubar um carro arrasta a criança, filha da vítima, por quarteirões; aluno que violenta professora porque tirou uma nota baixa, dentre outras situações que preenchem os meios de comunicação e nos incitam a refletir sobre valores sociais, culturais, econômicos, políticos e morais.

O primeiro Relatório Mundial sobre Violência e Saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS)¹ define a violência como:

o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação de liberdade. (p.5)

E a subdivide em três grandes categorias:

- Violência autoinfligida – compreende o comportamento suicida (pensamentos, tentativas e o suicídio completado) e o autoabuso, como por exemplo, a automutilação.

¹ O Relatório Mundial sobre Violência e Saúde da OMS (Genebra,2002), atende principalmente aos pesquisadores e aos profissionais da área da saúde, assistentes sociais e todos os envolvidos em desenvolvimento e implementação de programas e serviços de prevenção, educadores e policiais. Disponível em: <http://www.opas.org.br/cedoc/hpp/ml03/0329.pdf>

- Violência interpessoal – abrange a violência da família e a violência comunitária. Nesta ocorre entre pessoas sem laço de parentesco e inclui a violência juvenil, violências em grupos institucionais como por exemplo, escolas, presídios, locais de trabalho.
- Violência coletiva – compreende a violência social (cometida por grupos organizados, atos terroristas, violências de multidões), a violência política (guerras, violência do Estado) e econômica (ataques com o intuito de interromper a atividade econômica, negar acesso a serviços essenciais para sociedade).

Uma definição de violência aparece em Michaud (2001) citado por Pereira (2009, p.15) que especifica a etimologia da palavra, proveniente do latim *violentia*, que significa violência, caráter violento, força. O aspecto do desequilíbrio de poder (de forças) é normalmente identificado no ato violento, seja ele físico ou psicológico.

Pereira (2009, p.17) também expõe sobre o termo violência descrito por Jutandir Freire Costa (1986): “(...) violência é o emprego desejado da agressividade, com fins destrutivos.” Ou seja, há a intenção, a prática violenta é voluntária.

Bobbio, Matteuci e Pasquino (1991) também salientam a questão da intencionalidade, definindo a violência como:

A intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo). Para que haja violência é preciso que a intervenção física seja voluntária: o motorista implicado num acidente de trânsito não exerce a violência contra as pessoas que ficaram feridas, enquanto exerce violência que atropela intencionalmente uma pessoa odiada, além disso a intervenção física, na qual a violência consiste, tem por finalidade destruir, ofender e coagir. Exerce violência quem tortura, fere ou mata; quem, não obstante a resistência, imobiliza ou manipula o corpo do outro; quem impede materialmente outro de cumprir determinada ação. Geralmente a violência é exercida contra a vontade da vítima. (BOBBIO, MATTEUCI, PASQUINO, 1991, p. 1298)

De forma alarmante crianças, jovens e adultos estampam as páginas policiais ou como vítimas ou como os praticantes de atos violentos e conseqüentemente esse comportamento destrutivo pode normalmente se desenvolver no interior das escolas. A violência escolar pode ser praticada dentro da instituição ou nas suas

proximidades, de forma coletiva ou isolada. Ninguém da comunidade escolar está isento.

Segundo Abramovay e Rua (2002):

Inicialmente, a violência na escola era tratada como uma simples questão de disciplina. Mais tarde, passou a ser analisada como manifestação de delinquência juvenil, expressão de comportamento anti-social. Hoje, é percebida de maneira muito mais ampla, sob perspectivas que expressam fenômenos como a globalização e a exclusão social, os quais requerem análises não restritas às transgressões praticadas por jovens estudantes ou às violências das relações sociais entre eles. (ABRAMOVAY, RUA, 2002, p.31)

Abramovay e Rua (2002; p. 49) citando Debarbieux, especifica que a violência nas escolas estaria associada a três dimensões: em primeiro lugar relacionada a dificuldade de gestão das escolas, resultando problemas estruturais. Em segundo, a uma violência que se origina externamente, invade as escolas, manifestando-se por intermédio de gangues, do tráfico de drogas e da visibilidade crescente da exclusão social na comunidade escolar. Em terceiro relaciona-se a um componente interno das escolas, específicos de cada estabelecimento, pois existem escolas seguras em bairros caracterizados pela violência e vice-versa.

Charlot (2002) faz uma distinção entre violência na escola, violência à escola e a violência da escola.

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar sem estar ligado à natureza e às atividades da instituição escolar. Por exemplo, quando um bando entra na escola para acertar contas e disputas, a escola é apenas um lugar de uma violência que poderia ter acontecido em qualquer outro local. A violência à escola visa a instituição e aqueles que a representam. Ela acontece quando os alunos depredam a escola, insultam os professores e funcionários. Junto com essa violência contra a instituição escolar, deve ser analisada a violência da escola, ou seja, uma violência institucional, simbólica, das relações de poder entre professores e alunos, além de atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas.

A diferença entre violência, transgressão e incivildade também é destaca por Charlot (2002) que expõe a idéia de pesquisadores franceses:

O termo violência, pensam eles, deve ser reservado ao que ataca a lei com uso da força ou ameaça usá-la: lesões, extorsão, tráfico de droga na escola, insultos graves. A transgressão é o comportamento contrário ao regulamento interno do estabelecimento (mas não ilegal do ponto de vista da lei): absenteísmo, não-realização de trabalhos escolares, falta de respeito, etc. Enfim, a incivilidade não contradiz, nem a lei, nem o regimento interno do estabelecimento, mas as regras da boa convivência: desordens, empurrões, grosserias, palavras ofensivas, geralmente ataque cotidiano - e com frequência repetido - ao direito de cada um (professor, funcionários, aluno) ver respeitada sua pessoa.

No que diz respeito agressividade, Fante (2005) diz que o conceito pode ser empregado em diferentes contextos e utilizado tanto para expressar violência como para expressar coragem. É feita uma distinção do sentido das palavras, agressivo e agressão, salientando que os dois termos geralmente são tratados como sinônimos. Agressivo é definido como “ofensivo, que agride” e agressão como “ferimento, pancada, acometimento, provocação, insulto, ofensa” (FANTE,2005, p.156). Enquanto que agressividade é a ação, o ato em si, a agressão é o resultado da agressividade.

É relevante considerar que os fatores geradores da violência no ambiente escolar não podem ser vistos de forma isolada, pois o contexto social e a influência familiar também poderão estar interligados diante das situações vigentes. A ausência de limites, a dificuldade de administrar os conflitos, as contestações de autoridade, o meio em que vive e cresce cada ser humano, as influências midiáticas, tudo deve ser analisado, pois podem alimentar a agressividade, a violência no geral.

Como diz Lopes Neto (2005):

O comportamento violento, que causa tanta preocupação e temor, resulta da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade. Infelizmente, o modelo do mundo exterior é reproduzido nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em espaços onde há violência, sofrimento e medo. (p.S165)

A violência corrompe a identidade da escola, local que tem a missão de propiciar o desenvolvimento do aluno através de aprendizagens múltiplas, das significativas interações consigo e com o outro, a busca para estimulá-lo a ser um

bom cidadão. Diante do contexto atual, o que é visto é uma fábrica de traumas. Alunos agredindo seus pares, professores agredindo alunos, alunos violentando professores, um cenário trágico noticiado e presenciado cotidianamente neste ambiente de socialização.

As situações de violências comprometem o que deveria ser a identidade da escola – lugar de sociabilidade positiva, de aprendizagem de valores éticos e de formação de espíritos críticos, pautados no diálogo, reconhecimento da diversidade e da herança civilizatória do conhecimento acumulado. Essas mesmas situações repercutem na aprendizagem e na qualidade do ensino (ABRAMOVAY, RUA, 2002, p. 300).

Dessa forma, a violência é um fenômeno plural que abrange uma série grande de comportamentos. E uma de suas formas de manifestação abordada no próximo capítulo, é o *bullying*. Atualmente existem muitos sites, revistas e reportagens televisivas que abordam o tema *bullying* e suas principais características e conseqüências psicológicas que podem acarretar fins trágicos. Mesmo assim ainda há pessoas que não sabem ou não tem a percepção do nível de gravidade dessa prática e seu poder comprometedor referente também à socialização do indivíduo, ainda mais em um período de descobertas como a adolescência.

3. O TURBULENTO BULLYING

Felipe, um garoto tímido e reservado de 15 anos, estudava em um conceituado colégio em São Paulo, no bairro do Morumbi. Sempre foi um aluno exemplar: cumpria sem procrastinações seus afazeres estudantis, nunca ficou em recuperação e passava nas provas com notas excelentes. [...] No entanto, um grupinho de alunos “da pá virada” passou a discriminá-lo e importuná-lo sistematicamente. Na frente de todos, ele era alvo de chacotas e apelidos de “ce-dê-efe”, puxa-saco de professores, “nerd” e “esquisitão”.

Certa vez, o garoto foi agarrado e agredido fisicamente no banheiro da escola. Imobilizado e com a boca tapada, levou vários chutes no estômago e nas pernas, o que foi testemunhado por muitos colegas. Seus agressores impuseram silêncio: “Fique quieto, senão a gente arranca tua língua”, disse o mais valentão. Quem assistiu a tudo, nada fez. Quem viu, fingiu não ver. Felipe por algum tempo, ficou ali, estirado no chão, indefeso, desmoralizado, sem poder contar com o apoio e a solidariedade de ninguém.

O adolescente passou a ter verdadeiro pavor do grupo e, dali em diante, freqüentar as aulas se tornou um grande inferno [...].

Cada vez mais excluído, cabisbaixo e acuado, ele pediu a seus pais que o trocassem de escola. Com um misto de medo e vergonha, não disse o porquê. Eles não aceitaram e tampouco entenderam; afinal, a escola era excelente e seu filho um ótimo aluno. Felipe passou a matar aula, ir a shoppings, inventar doenças, andar a esmo. Tudo isso como forma de fuga para não enfrentar o horror que estava vivenciando. Suas notas despencaram, as faltas eram constantes e estava à beira de ser reprovado. O que será que estava acontecendo com aquele inteligente e talentoso aluno? Drogas? Problemas domésticos? Nada disso, Felipe era uma vítima de bullying escolar.[...]

Hoje ele está em terapia, tentando superar seus traumas, seus medos e sua dificuldade de se relacionar com qualquer pessoa. (SILVA, 2010, p.19)

O *bullying* é um fato mundial que se dissemina largamente há alguns anos e passou a ser estudado com intuito de conhecer suas peculiaridades, pois é um problema que existe em todas as escolas, sejam públicas ou privadas, porém muitas vezes não é reconhecida a sua gravidade. A realidade atual estimula cada vez mais a realização de pesquisas sobre esse fenômeno, tanto pelo seu crescimento, quanto por atingir faixas etárias cada vez mais baixas, relativas aos primeiros anos de escolaridade, por exemplo.

3.1. O QUE É BULLYING

A palavra *bullying* ainda causa um certo estranhamento nas pessoas. Originária do vocábulo em inglês *bully*, que significa agressor, intimidador, atacante, valentão, tirano; sendo assim, o *bullying* são todas as condutas usadas por estes agressores contra outras pessoas. Não foi encontrado um termo na língua portuguesa capaz de refletir as especificidades do termo em inglês, por isso a mídia e os estudos pelo mundo normalmente mantém essa nomenclatura.

Consiste na prática de atitudes agressivas entre pessoas, caracterizada pela persistência do ataque a(s) mesma(s) vítima(s) através de intimidação psicológica, agressões verbais e físicas, dentre outras ofensas morais, tendo destaque o desequilíbrio de poder, pois esse problema, no ambiente escolar, ressalta a relação do aluno mais forte (no sentido físico, persuasivo e/ou psicológico) dominando o mais fraco (que não sabe se defender). Muitas vezes essa prática é mascarada e vista como situações próprias da idade, mas que podem causar sérios danos ao aluno que sofre essas humilhações constantemente e muitas vezes em silêncio, sem contar aos pais ou professores.

É significativo ressaltar que o *Bullying* pode se manifestar em qualquer lugar onde exista relação interpessoal, não se restringe apenas ao ambiente escolar. Pode ocorrer na família, no trabalho, no bairro, no clube, nos asilos, nas prisões, nas forças armadas, na própria escola, entre outros (FANTE, 2005).

Fante (2005) informa que o *bullying* escolar se resume em insultos, intimidações, apelidos constrangedores, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuações em grupo que hostilizam e ridicularizam a vida de outros alunos, provocando em muitos casos a exclusão, além de danos físicos, psíquicos e interferências na aprendizagem. Enfim, vai muito além do que uma simples brincadeira de criança, afinal sua persistência é danosa.

O bullying é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar traumas ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. (FANTE, 2005, p.26)

Lopes Neto (2005) enfatiza o caráter repetitivo do *bullying*, sua intencionalidade sem motivação, assim como a desigualdade de poder entre os envolvidos. Ele define:

O bullying compreende todas as atividades agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executados dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao bullying pode ser conseqüente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes (LOPES NETO, 2005, p.S165).

Segundo Pereira (2002), o *bullying* adquire diversas formas, algumas mais cruéis do que outras, dependendo de alguns fatores. Os estudos sobre agressividade na escola têm visado o mau trato pessoal, a intimidação psicológica e o isolamento social entre pares, crianças ou jovens.

O bullying parte, pois, de uma vontade consistente e desejo de magoar ou amedrontar alguém quer física, verbal ou psicologicamente. Smith & Sharp (1994b, p.2) descrevem-no como sistemático abuso de poder. Madsen & Smith definiram o bullying como um comportamento quer poderia ser físico ou verbal, tendo um efeito de “etiquetagem” para a vítima. (PEREIRA, 2002, p.17)

Essas manifestações diferem dos conflitos normais entre pares, pois no *bullying* existe a intenção de prejudicar e o comportamento destrutivo persiste ao longo do tempo. A vítima é massacrada cotidianamente e quanto mais demora de pedir ajuda mais é afetada em todos os sentidos.

Silva (2010) especifica que essas atitudes maldosas podem se expressar das mais variadas formas:

VERBAL

- Insultar
- Ofender
- Xingar

- Fazer gozações
- Colocar apelidos pejorativos
- Fazer piadas ofensivas
- “Zoar”

FÍSICO E MATERIAL

- Bater
- Chutar
- Espancar
- Empurrar
- Ferir
- Beliscar
- Roubar, furtar ou destruir pertences da vítima
- Atirar objetos contra as vítimas

PSICOLÓGICO E MORAL

- Irritar
- Humilhar e ridicularizar
- Excluir
- Isolar
- Ignorar, desprezar ou fazer pouco caso
- Discriminar
- Aterrorizar e ameaçar
- Chantagear e intimidar
- Tiranizar
- Dominar
- Perseguir
- Difamar
- Passar bilhetes e desenhos entre colegas de caráter ofensivo
- Fazer intrigas, fofocas, mexericos

VIRTUAL

- Utilizando aparelhos e equipamentos de comunicação para agredir. Também conhecido por *cyberbullying*

Vale ressaltar que o comportamento *bullying* poder ser direto (agressões físicas, ameaças, roubos, xingamentos etc.) e indireto (colocar apelidos, meter medo, ridicularizar, isolar). (PEREIRA, 2002; FANTE, 2005; LOPES NETO, 2005; SILVA, 2010)

As agressões, como já citadas, são das mais variadas. Chutes, empurrões, gritos, ameaças, expor a vítima ao ridículo, inventar mentiras, extorquir etc. E é na hora do intervalo/recreio é que essas ameaças poderão ganhar força, afinal é o momento onde não há o controle do professor, os alunos estão livres e como normalmente as vítimas andam mais isoladas, após se sentirem humilhadas todos os dias, facilita a abordagem do(s) aluno(s) agressor(es). Mas na sala de aula o aluno não fica isento, o comportamento agressivo acontece freqüentemente, tanto que na pesquisa feita entre 2002 e 2003 pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia) em escolas no Rio de Janeiro, mostrou que as agressões ocorriam principalmente nas próprias salas de aula.

3.2 HISTÓRICO

O *bullying* é um fenômeno tão antigo quanto a própria instituição escolar (FANTE, 2005). Mas o tema só passou a ser objeto de estudo científico no início dos anos 70. Inicialmente na Suécia, onde parte da população demonstrou preocupação com a violência entre estudantes, estendendo-se posteriormente para outros países, como a Noruega.

Segundo Silva (2010):

Na Noruega, o *bullying* foi, durante muitos anos, motivo de apreensão entre pais e professores que se utilizavam dos meios de comunicação para expressar seus temores sobre os acontecimentos. Mesmo assim, as autoridades educacionais daquele país não se pronunciavam de forma oficial e efetiva diante dos casos ocorridos no ambiente escolar.(SILVA, 2010, p.111)

No final de 1982, o suicídio de três crianças na Noruega, motivadas possivelmente pelas situações de maus-tratos pelos colegas de escola, instigou a investigação sobre esse comportamento destrutivo. Dan Olweus, pesquisador da Universidade de Bergen, na Noruega, já fazia investigações sobre essas práticas agressivas, as quais ainda não despertavam maiores interesses por parte das instituições de ensino (PEREIRA, 2002). Ele que desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo a diferenciação deste com outros incidentes, gozações ou brincadeiras próprias da idade (FANTE, 2005). Somente na década 90 houve um reconhecimento maior devido aos casos de assassinatos ocorridos em escolas nos Estados Unidos, país cuja incidência de *bullying* é alta e muitos pesquisadores temem sobre o futuro dos envolvidos. Um dos casos terrivelmente noticiados na imprensa global foi o assassinato na escola americana de Columbine,

Segundo Silva (2010), os estudos de Oweus deram origem a um programa *antibullying*, que tinha como objetivo aumentar a conscientização sobre o problema para desfazer mitos e idéias erradas sobre o *bullying*, além de promover o suporte às vítimas contra este tipo de violência.

Silva (2010) evidencia que as condutas *bullying* estão presentes em diversos outros países.

Pesquisas sobre o fenômeno, ao redor do mundo, apontam para o crescimento do problema: estima-se que de 5% a 35% dos alunos estejam envolvidos em condutas agressivas no ambiente educacional. Neste quadro estatístico incluem-se tanto os jovens vítimas de violência quanto os próprios agressores. (SILVA, 2010, p.112)

No Brasil, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia) faz pesquisas e analisa o comportamento *bullying* desde 2001. Contando com o patrocínio da Petrobrás, a Abrapia fez uma pesquisa, entre 2002 e 2003, em 11 escolas públicas e particulares do Rio de Janeiro buscando implementar ações efetivas para redução deste comportamento agressivo entre estudantes. Os resultados apontaram que 40,5% admitiram estarem envolvidos em

casos de *bullying*, seja como vítima ou como agressor, sendo que 50,5% eram do sexo masculino e 49,5% do sexo feminino. Cerca de 60,2% das agressões ocorriam dentro da sala de aula e mesmo assim, por volta de 50% não contavam nem aos professores nem aos pais.

Outras análises também começaram a surgir sobre o fenômeno *bullying* aqui no Brasil. A partir de 2000, surgem referências sobre *bullying* nos estudos feitos por Aramis Lopes Neto e Cleodence Fante, por exemplo.

3.3 OS ENVOLVIDOS

Os personagens envolvidos nas práticas de *bullying* podem ser identificados como vítimas, agressores ou testemunhas.

As vítimas normalmente são aquelas que possuem alguma diferença em relação ao grupo, ou seja, fogem ao padrão imposto pelo próprio grupo, influenciados pela mídia, pela sociedade no geral. Podem ser obesas, magras demais, possuírem alguma deficiência física, inteligência acima da média ou dificuldades de aprendizagem, ter uma condição socioeconômica ou orientação sexual diferente da maioria, enfim alguma “marca” que destaque.

Segundo Catini (2004):

[...] o alvo da agressão pode ser fisicamente mais fraco, pode simplesmente perceber-se como física ou mentalmente mais fraco que o perpetrador ou pode existir uma diferença numérica, com vários estudantes agindo contra uma única vítima. (CATINI, 2004, p.3)

Lopes Neto (2005) identifica a vítima como sendo aquela que não tem habilidade para reagir ao *bullying*, é insegura, pode ser fraca fisicamente, tem baixa autoestima, que no decorrer do tempo pode se agravar.

Pereira (2002) diz que as vítimas podem apresentar poucas competências sociais, não sabem se impor diante do grupo ou respondem de forma provocativa e imatura.

As vítimas típicas podem ser, no geral, as mais tímidas ou reservadas, normalmente as mais sensíveis, ansiosas, inseguras, mais frágeis fisicamente do que os outros do grupo e normalmente não respondem com agressividade. Segundo Fante (2005), a vítima típica:

[...] sente dificuldades de impor-se ao grupo, tanto física como verbalmente, e tem uma conduta habitual não-agressiva, motivo pelo qual parece denunciar ao agressor que não irá revidar se atacada e que é “presa fácil” para seus abusos. (FANTE, 2005, p.72)

As vítimas provocadoras são aquelas que acabam, sem intenção, incitando e chamando a atenção dos agressores. Mas não conseguem se defender de forma satisfatória. Silva (2010) informa que:

Nesse grupo geralmente encontramos as crianças ou adolescentes hiperativos e impulsivos e/ou imaturos, que criam, sem intenção explícita, um ambiente tenso na escola. Sem perceberem, as vítimas provocadoras acabam “dando tiro nos próprios pés”, chamando a atenção dos agressores genuínos. Estes por sua vez se aproveitam dessas situações para desviarem toda a atenção para a vítima provocadora. Assim, os verdadeiros agressores continuam icógnitos em suas táticas de perseguição. (SILVA, 2010, p.40)

Há também as vítimas agressoras, aquelas que diante do contexto reagem com agressividade, reproduzindo as torturas sofridas para compensar as humilhações, ou seja, elas buscam outras vítimas mais frágeis para cometer os mesmos atos (FANTE, 2005). Silva (2010) salienta que “isso aciona o efeito “cascata” ou de círculo vicioso, que transforma o *bullying* em um problema de difícil controle e que ganha proporções infelizes de epidemia mundial de ameaça à saúde pública.” (SILVA, 2010, p.42)

Lopes Neto (2005) sobre as vítimas agressoras ou também chamadas de alvos/autores de *bullying*, enfatiza que:

Aproximadamente 20% dos alunos autores também sofrem bullying, sendo denominados alvos/autores. A combinação da baixa auto-

estima e atitudes agressivas e provocativas é indicativa de uma criança ou adolescente que tem, como razão para a prática de bullying, prováveis alterações psicológicas, devendo merecer atenção especial. (LOPES NETO, 2005, p.S168)

Normalmente as vítimas não expõem o sentem ao longo desse processo torturante. O silêncio é um meio encontrado para tentar se proteger, porém pedem socorro e as pessoas ao redor precisam ter um olhar mais sensível para perceberem esse pedido de ajuda. “É pouco comum que a vítima revele espontaneamente o *bullying* sofrido, seja por vergonha, por temer retaliações, por descrer nas atitudes favoráveis da escola ou por recear possíveis críticas.” (LOPES NETO, 2005, pg.S167)

Os outros protagonistas dessas manifestações são os agressores. Eles podem ser de ambos os sexos e normalmente mais fortes fisicamente em relação ao grupo. De acordo com Fante (2005) o autor de *bullying* tende a manter um grupo em torno de si, no qual atuam como assistentes em suas agressões. Os alunos identificados como seguidores raramente tomam as iniciativas dos atos.

Catini (2004) baseada nas idéias de Olweus (1993) especifica:

Os agressores podem apresentar uma ou mais das seguintes características: podem ser fisicamente mais fortes que seus colegas, podem ser da mesma idade ou mais velhos, podem ser fisicamente eficazes em jogos, sentem necessidade de dominar e subjugar, de se impor através de ameaças; são impulsivos, toleram mal as frustrações; às vezes podem apresentar uma atitude hostil também para com os adultos; se consideram rígidos e mostram pouca empatia pelos que sofrem agressões. (CATINI, 2004, p.12)

Fica explícita a necessidade do agressor em exercer o poder sobre a vítima. Ele gosta de se destacar pelas perversidades praticadas, as quais são consideradas naturais por ele. Como Pereira (2002) informa, para essas crianças e adolescentes o ato agressivo é perfeitamente normal e muitas vezes aceito pela família.

Silva (2010) comenta sobre a personalidade dos agressores e pontua a questão da afetividade:

O que lhes falta, de forma explícita, é afeto pelos outros. Essa afetividade deficitária (parcial ou total) pode ter origem em lares

desestruturados ou no próprio temperamento do jovem. Nesse caso, as manifestações de desrespeito, ausência de culpa e remorso pelos atos cometidos contra os outros podem ser observados desde muito cedo (por volta dos 5 a 6 anos). Essas ações envolvem maus-tratos a irmãos, coleguinhas, animais de estimação, empregados domésticos ou funcionários da escola. (SILVA, 2010, p.44)

Por fim, as testemunhas. Elas não se envolvem de forma direta com o *Bullying*. Presenciam essas práticas agressivas, porém, geralmente, preferem não partir para defesa com receio de serem as próximas vítimas, então acabam guardando aquelas situações para si, causando também angústia e medo.

Lopes Neto (2005) enfatiza:

A forma como reagem ao bullying permite classificá-los como auxiliares (participam ativamente da agressão), incentivadores (incitam e estimulam o autor), observadores (só observam ou se afastam) ou defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper a agressão). (LOPES NETO, 2005, p. S168)

As testemunhas também podem ser agrupadas em passivas, ativas e neutras. A testemunha passiva se comporta assim pelo temor de se tornar o próximo alvo dos agressores. Condena as atitudes dos autores, porém não apresenta nenhuma reação para defender a vítima. A testemunha ativa, não participa diretamente da agressão, mas se diverte com a atrocidade e acaba apoiando indiretamente a prática. Já a testemunha neutra, não demonstra nenhuma reação diante da situação, ignora o ato como se a violência fosse algo do qual ela já está acostumada e não lhe causa espanto.(SILVA, 2010)

No geral, essas experiências traumatizantes podem interferir, em graus diferentes, no comportamento de cada personagem que participa direta ou indiretamente da cena agressiva ao longo dos anos.

3.4 AS CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING

As conseqüências imediatas ou a longo prazo podem ser muito danosas. A vítima tende a se retrair, perde a autoconfiança, a autoestima, pode vir a afetar o rendimento escolar, estimular pensamentos negativos podendo chegar ao extremo, como o suicídio. Os agressores tendem a acreditar que o uso da força é a solução para os problemas, apresentam dificuldades em respeitar a lei, continuam o desenvolvimento não tendo limites, enquanto as testemunhas podem desencadear a insegurança e a ansiedade. E justamente no período de desenvolvimento da criança ou adolescente, podendo acarretar adultos problemáticos.

A esse respeito Fante (2005) comenta:

As conseqüências para as vítimas desse fenômeno são graves e abrangentes, promovendo no âmbito escolar o desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento, o absentismo e a evasão escolar. (FANTE, 2005, p.44)

A autora reforça que a vítima de *bullying* experimenta um sofrimento real, muitas vezes abafado por si mesma e que acaba prejudicando o rendimento escolar bem como o desenvolvimento social e emocional, podendo esta superar ou não com o passar do tempo, pois isso vai depender de cada ser humano, qual a relação que ele tem consigo, se tem um suporte familiar satisfatório, se o meio social é um meio inibidor ou não. (FANTE, 2005).

Lopes Neto (2005) lista uma série de sintomas observados nos alunos alvos de *bullying*: enurese noturna (xixi na cama), alterações do sono, cefaléia, dor epigástrica, desmaios, vômitos, dores em extremidades, paralisias, hiperventilação, queixas visuais, síndrome do intestino irritável, transtornos alimentares como a anorexia e bulimia, isolamento, tentativas de suicídio, irritabilidade, agressividade, ansiedade, perda de memória, histeria depressão, pânico, relatos de medo, resistência em ir à escola, demonstrações de tristeza, insegurança, fraco rendimento escolar e atos deliberados de autoagressão.

Silva (2010) acrescenta outras conseqüências psíquicas e comportamentais do *bullying*. Ela especifica a fobia social, na qual o indivíduo passa a sofrer uma

ansiedade excessiva e persistente ao estar num ambiente com outras pessoas e que muitas vezes apresentam gagueira ao tentar se comunicar; o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), que se caracteriza por pensamentos obsessivos, idéias persistentes que causam muita angústia e para se sentir aliviada, a pessoa adota determinados comportamentos repetitivos, ou seja, há alterações comportamentais (compulsões, repetições), dos pensamentos (obsessões, preocupações excessivas) e das emoções (medo, aflição, culpa); e o transtorno do estresse pós-traumático, que pode se desenvolver em pessoas que passam por experiências traumáticas e se caracteriza por idéias e imagens recorrentes do evento pelo qual passou, como um flashback.

As frequentes práticas de *bullying* já ocasionaram situações extremas pelo país. Infelizmente esses casos continuam acontecendo e são amplamente divulgados pela imprensa. A escola, um centro de aprendizagens, vira o palco principal deste massacre psicológico.

Silva (2010) destaca três tragédias, dentre as várias que culminaram pelo país:

Em janeiro de 2003, a cidade de Taiuva, no interior de São Paulo, foi palco de grande tragédia. O jovem Edimar de Freitas, 18 anos, entrou armado na escola em que havia concluído o ensino médio. Abriu fogo contra cinquenta pessoas que estavam no pátio, feriu oito e se matou em seguida. Segundo investigações, a barbárie foi motivada pelos constantes apelidos e humilhações que Edimar recebia por ser obeso. Ex-colegas do rapaz disseram que ele prometia vingança, afirmando que todos iriam se arrepender.

Na cidade de Remanso, norte da Bahia, a 650 quilômetros de Salvador, o ano de 2004 também foi marcado por um caso semelhante, envolvendo condutas de *bullying*. Após muitas humilhações e depois de receber baldes de lama sobre sua cabeça, um rapaz de 17 anos, matou duas pessoas e feriu mais três. O jovem também tentou suicídio, mas foi impedido e desarmado.

Outro caso recente, que culminou com a morte de um adolescente, ocorreu na cidade de Silva Jardim (RJ). Samuel Teles da Conceição, de 17 anos, um rapaz tímido e quieto, foi alvo de constantes ofensas e brincadeiras maldosas. Em setembro de 2008, ele foi espancado com socos na cabeça, dentro da sala de aula e no pátio da escola, por vários colegas de classe. O motivo desse ataque pode ter sido o mais banal possível: os agressores não gostaram do seu novo corte de cabelo. Dias depois o adolescente veio a falecer, vítima de meningoencefalite purulenta e contusão cerebral. (SILVA, 2010, p. 118)

As conseqüências do *bullying* geram todo um aparato nos ambientes de socialização. A família, a escola e a sociedade também são penalizadas, afinal tantos transtornos geram desequilíbrios e prejuízos financeiros e sociais, pois os envolvidos em tais agressões deliberadas e repetitivas podem vir a necessitar de cuidados específicos, como serviços relacionados a tratamentos de distúrbios mentais, justiça da infância e adolescência, educação especial e programas sociais (LOPES NETO, 2005, p.S168).

3.5 O BULLYING VIRTUAL OU CYBERBULLYING

O *cyberbullying* é a maneira virtual de praticar *bullying*. Uma modalidade que vem preocupando especialistas, pais e educadores, por seu efeito multiplicador do sofrimento das vítimas. Os agressores utilizam-se das ferramentas da Internet e de outras tecnologias de informação e comunicação, com o objetivo de difamar maltratar e constranger.

Segundo Amado et al. (2009):

Em contraste com outras formas de *bullying*, o *cyberbullying*, apoiado nas tecnologias da informação, transcende as fronteiras do tempo (na medida em que a ofensa se pode manter infinitamente presente no espaço virtual), mas também as fronteiras do espaço pessoal e físico. Além disso, perpetrado com base numa assimetria de poder, tal como o *bullying* face-a-face, o *cyberbullying* assenta, não no domínio pela força física, mas noutras fontes de poder, associadas a competências e a outras vantagens no domínio das tecnologias, o que acrescenta novas facetas ao perfil dos agressores e das vítimas. (AMADO et al, 2009, p.304)

As agressões podem se disseminar rapidamente pelo mundo virtual e se manterem presentes por tempo indeterminado, além do fato de que o agressor pode se manter anônimo, utilizando nomes e perfis falsos para inventarem mentiras, espalharem ofensas às vítimas e a seus familiares. É significativo ressaltar a dificuldade de localizar o agressor, afinal ele pode utilizar meios de comunicação não necessariamente da sua residência e sim de outros locais públicos, como escola, *lan houses* etc.

Abramovay (2009) comenta sobre a violência virtual:

As vítimas não encontram lugares seguros onde possam cortar o contato com os agressores e, além disso, a agressão pode acontecer a qualquer momento, e os espectadores do ato agressivo se multiplicam de maneira surpreendente. A palavra escrita ou a imagem tendem a causar um dano maior, pois podem ser lidas ou vistas várias vezes, e os agressores podem permanecer em anonimato, mesmo quando conhecidos das vítimas, sendo muito difícil identificá-los. (ABRAMOVAY, 2009, p.403)

As situações agressivas *online* demoram para assumir o caráter de algo mais grave entre internautas. Roubar senhas, acessar informações pessoais e usar a identidade virtual para mandar e-mails falsos é correntemente visto como zombaria, não havendo um olhar mais apurado para as implicações de tais atitudes agressivas. (ABRAMOVAY, 2009)

Quando as vítimas se deparam com as agressões, seus nomes, suas imagens já estão espalhadas pela rede mundial. Para Silva (2010) “Não há qualquer possibilidade de sair ileso dessas situações. As conseqüências psicológicas para essas vítimas são incalculáveis e, muitas vezes, chegam a atingir seus familiares ou amigos mais próximos.”(SILVA, 2010, p.128).

As ameaças pela Internet provocam um processo angustiante pelo fato de que em muitas situações, a vítima pode não saber a identidade real do agressor, fugindo do controle, gerando um sentimento de impotência (ABRAMOVAY, 2009).

Um dos casos de *cyberbullying* que culminou em uma tragédia foi o da adolescente Megan Méier:

Um exemplo bastante conhecido sobre as conseqüências negativas e extremas do cyberbullying é o da jovem Megan Meier, que se suicidou nos Estados Unidos em 2006, aos 13 anos. A responsável pela intimidação virtual da jovem foi Lori Drew, de 49 anos. Ela criou um perfil falso no MySpace de um jovem de 16 anos para humilhar Megan, que teria espalhado boatos sobre sua filha. Ambas eram vizinhas e frequentavam a mesma escola em St. Louis, no Estado do Missouri. Megan tinha histórico de depressão e passou a trocar mensagens com o "rapaz", que dizia ter acabado de se mudar para o mesmo bairro. Meses depois, o falso jovem rompeu a amizade

virtual com Megan, em uma mensagem que dizia que "o mundo ficaria melhor sem ela". Em seguida, a jovem se enforcou.²

É importante os profissionais de educação e familiares estarem alerta com relação a essas atitudes, buscando informar aos jovens sobre as precauções no que diz respeito aos crimes praticados no mundo virtual, inibindo o fornecimento de dados pessoais, senhas, endereços, números de celular e cartões de crédito para pessoas desconhecidas, que poderão utilizar dessas informações para destruir a vida da vítima.

3.6 INICIATIVAS ANTIBULLYING E LEGISLAÇÃO

Campanhas contra o *bullying* surgem ao longo dos anos buscando informar sobre o fenômeno para tentar combatê-lo. Quanto mais precoce o *bullying* cessar, menor serão as conseqüências trágicas provenientes dessa prática. A cooperação de todos, pais, professores, funcionários é de extrema importância para intervenção imediata assim que identificada a existência do *bullying* na escola.

Para Lopes Neto (2005):

O Programa de Prevenção do Bullying criado por Dan Olweus é considerado como o mais bem documentado e mais efetivo na redução do bullying, na diminuição significativa de comportamentos anti-sociais e em melhorias importantes no clima social entre crianças e adolescentes, com a adoção de relacionamentos sociais positivos e maior participação nas atividades escolares (LOPES NETO, 2005, p.170)

Programas de intervenção *antibullying* vêm se desenvolvendo na Europa e na América do Norte. Em 2001 um projeto internacional europeu, intitulado "Training and Mobility of Research (TMR) Network Project : Nature and Prevention of

² Notícia disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?edt=24&id=82646> no dia 10 de fevereiro de 2010.

Bullying”, mantido pela Comissão Europeia englobava Campanhas do Reino Unido, Portugal, Itália, Alemanha, Grécia e Espanha.

No Brasil também existem alguns programas de prevenção ao *bullying*. O programa *antibullying* "Educar para a paz" da professora Cleo Fante implantado pioneiramente no país, na Escola Municipal Luiz Jacob, na cidade de São José do Rio Preto, interior paulista, no período de junho de 2002 a julho de 2004, buscou diminuir os danos deste fenômeno social promovendo a inclusão e a integração dos alunos às dimensões da paz pessoal, da paz com o outro e com o meio ambiente, orientados pelo princípio da cooperação, da solidariedade, da tolerância e do respeito às diferenças. Ao longo dos anos o programa se inova e está sendo implantado em outras escolas brasileiras, na íntegra ou adaptado.³

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia), que se dedica a pesquisar e divulgar o *bullying* desde 2001, também realizou pesquisas em novembro e dezembro de 2002 e março de 2003 em escolas do Rio de Janeiro como parte do Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes. A íntegra do programa virou um livro titulado “Diga Não ao *Bullying*”, editado pela Abrapia em 2003, de autoria de Aramis Lopes Neto e Lucia Helena Saveedra. A iniciativa foi a de criar um programa de combate ao *bullying*, além de monitorar, avaliar e analisar a evolução dos problemas nas escolas, estimular as denúncias das violências sofridas ou testemunhadas, além de fortalecer as organizações já existentes⁴

Outras mobilizações estão sendo divulgadas pelos veículos de comunicação. O Programa Disque Denúncia Nacional (Disque 100) está recebendo também denúncias de casos de *bullying* do Brasil inteiro. A inclusão do *bullying* é resultado de reivindicação do Ministério Público da Paraíba, através da Promotoria de Infância e Juventude de João Pessoa.

Com o objetivo de informar a população sobre as características e consequências do *bullying*, o apresentador Serginho Groisman, no seu programa

³ Informações obtidas no site do Programa Antibullying - Educar para a Paz, disponível em: http://www.bullying.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=75

⁴ Informações obtidas no site do Observatório da Infância, disponível em <http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf>

televisivo na Rede Globo, o Altas Horas, lançou uma campanha contra as práticas de *bullying*, e fez entrevistas com especialistas e vítimas.⁵

O Ministério Público da Bahia (MP), lançou uma campanha contra o *bullying* no dia 23 de abril de 2009, veiculada pelo jornal A Tarde Online, na mesma data⁶. A Bahia é o quinto estado no Brasil a apresentar uma campanha contra essas práticas agressivas nas escolas. Paraíba, São Paulo, Ceará e Espírito Santo já desenvolvem ações em busca da conscientização da comunidade escolar, mas mesmo assim o assunto ainda é desconhecido por muitas pessoas.

Mais recentemente o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), lançou em 20 de outubro de 2010, uma cartilha explicativa de autoria da Psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva com orientações sobre como identificar o fenômeno e quais são suas consequências. A Cartilha 2010⁷ faz parte do Projeto Justiça nas Escolas e dentre inúmeras informações salienta que a escola é corresponsável nos casos de *bullying*. A cartilha orienta os educadores a acionar os pais, conselhos tutelares, órgãos de proteção à criança e ao adolescente quando detectarem a existência dessas manifestações.

Referente a legislação, no Brasil existe um Projeto de Lei nº 350⁸, de 2007, no qual o Poder Executivo fica autorizado a instituir o Programa de Combate ao *Bullying*, de ação interdisciplinar e de participação comunitária nas escolas públicas e privadas do Estado de São Paulo, mas ainda aguarda votação.

Já existem leis em vigor, como a Lei n.º 5.089, de 6 de outubro 2009⁹, que especifica a inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao *Bullying* escolar nas escolas públicas do município do Rio de Janeiro, como consta no Art. 1º “As escolas públicas da educação básica do Município do Rio de Janeiro deverão incluir em seu projeto pedagógico medidas de conscientização, prevenção e combate ao *Bullying*

⁵ Cartaz e informações disponíveis em: <http://altashoras.globo.com/AltasHoras/Internas/0,,MUL1600831-17069,00.html>

⁶Notícia veiculada pelo A Tarde Online, em 23 de abril de 2009, disponível em: <http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=113065>

⁷ A Cartilha 2010 do Conselho Nacional de Justiça está disponível em: http://www.cnj.jus.br/images/Justica_nas_escolas/cartilha_web.pdf

⁸ O Projeto de Lei nº350, de 2007 ainda aguarda para entrar em votação. Disponível em: http://www.bullying.pro.br/pdf/projeto_de_lei350.pdf

⁹ A Lei Municipal do Rio de Janeiro de combate ao bullying está disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-287.pdf>

escolar.” A Lei pontua também que as escolas deverão manter o histórico das ocorrências de *Bullying* devidamente atualizado e enviar relatório à Secretaria Municipal de Educação.

No município de São Paulo também está em vigor um Decreto Municipal nº. 51.290, de 11 de fevereiro de 2010 que regulamenta a Lei nº. 14.957, de 16 de julho de 2009¹⁰ e especifica a inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao “*bullying*” escolar no projeto pedagógico das escolas públicas da Educação Básica do Município de São Paulo, dentre outros municípios pelo país que também instituíram suas leis.

Essas e outras medidas são significativas e devem ser monitoradas com responsabilidade, porém já está na hora de ser instituída uma Lei *Antibullying* Nacional, pois legalmente reforçará o combate do país contra a disseminação desta prática agressiva, desde que seja realmente cumprida, já que em nosso país existem algumas leis que ficam aprisionadas no papel.

¹⁰ O Decreto Municipal nº 51.290 de 11 de fevereiro de 2010 está disponível em: http://www2.oabsp.org.br/asp/clipping_jur/ClippingJurDetalhe.asp?id_noticias=20603

4 .O ADOLESCENTE E O BULLYING

No capítulo anterior foi visto que o *bullying* se manifesta tanto através de agressões físicas como através de insultos e gestos visando intimidar e ridicularizar, assim como através de posturas com o propósito de isolamento social e exclusão do grupo, tornando-se um catalisador de problemas psicológicos. A exclusão capaz de oprimir, intimidar e machucar, em qualquer fase da vida, pode ocorrer dentro da escola, um importante ambiente de socialização, mas que devido as circunstâncias negativas da rejeição, provenientes da exclusão, pode se tornar um local de traumas.

O adolescente está numa fase de mudanças, de escolhas, se encontra vivenciando um período de elaboração de valores, permeado pela contradição, pelas dúvidas e a necessidade de se andar em grupo assume um papel importante no processo de afirmação da sua identidade, como um reforço social.

Segundo Pfromm (1979) *adolescere* é a palavra latina que significa crescer, desenvolver-se, torna-se jovem. Essa fase pode ser definida a partir de vários critérios:

O adolescente ainda se encontra em um período de elaboração. Critério cronológico. Adolescência é um período da vida humana que se estende dos 10-12 anos aos 20-21 anos, aproximadamente. (Hurlock, 1961). Critério do desenvolvimento físico. Etapa da vida compreendida entre a puberdade e a idade viril; período de transição para fase adulta (Rogers, 1962). Critério sociológico. Período da vida de uma pessoa durante o qual a sociedade em que vive deixa de encará-la como criança e não lhe confere plenamente o status, papéis e funções de adultos (Hollingshead, 1963). Critério psicológico. Período de extensa reorganização da personalidade, que resulta de mudanças de status bio-social entre a infância e a idade adulta (Ausubel, 1954). (PFROMM, 1979, p.3)

Segundo Silva (2010) em termos científicos a adolescência compreende a fase aproximadamente entre 11 e 18 anos. Nesse espaço de tempo ocorrem inúmeras transformações físicas e psicológicas, ou seja, o cérebro ainda infantil, sofre alterações químicas e estruturais para se transformar em um cérebro adulto.

Esta é uma fase muito delicada. O cérebro, o nosso comandante maior, passa por uma profunda reformulação, pela qual é lapidado e amadurecido. Esse processo ocasiona repentinas mudanças de humor dos adolescentes, os infindáveis questionamentos sobre regras e limites, os sentimentos de insegurança e insatisfação constantes, as distorções da autoimagem, a necessidade de pertencer a algum grupo, a sede insaciável de novidades [...]. (SILVA, 2010, pg.134)

Boa parte do comportamento que se observa no adolescente relaciona-se a luta que ele trava pela sua independência contra as restrições e ao controle externo que se opõe ao seu processo de crescimento.

A interação com o outro é significativa para o desenvolvimento das habilidades sociais destes jovens. Pfromm (1979) informa que nesse período do desenvolvimento humano, uma nova unidade social, além da família, passa a exercer uma influência relevante para o indivíduo. Ele começa a avaliar seu papel nas relações pessoais.

Segundo Pikunas (1979):

Compartilhar com os pares a experiência pessoal é um requisito fundamental do ajustamento adolescente. Muitos jovens parecem irritáveis e deprimidos quando se separam de seus companheiros. Quando o adolescente fica só durante longo tempo ou afastados de seus amigos íntimos, o sentimento de solidão se eleva e aumentam os conflitos e problemas. (PIKUNAS, 1979, p.299)

O adolescente sente a necessidade de buscar um grupo de identificação, desvincilhando-se da imagem de criança. A família ora é um refúgio, ora é vista como dissociável perante a necessidade de busca por um grupo. Em contraste a essa necessidade familiar, a vontade de estar inserido em um grupo de amigos se faz indispensável para a socialização do adolescente. Há todo um processo e este segue batalhando para realizar uma transição lenta da vida familiar protegida, para a vida independente do adulto, e o grupo de amigos torna-se o veículo para essa passagem. (BEE, 1997).

Segundo Gouveia-Pereira et al (2000) “diversos estudos demonstram que o fenômeno de agrupamento dos adolescentes advém da iniciativa e necessidade dos

próprios adolescentes, sendo, como argumenta Claes (1985), um fenômeno universal.” (GOUVEIA-PEREIRA et al, 2000, pg.191). A autora e seus colaboradores também ressaltam:

O grupo de amigos assume para os adolescentes importância a vários níveis: suporte instrumental e emocional, ajuda na resolução das tarefas desenvolvimentais e na construção da identidade (Alves-Martins, 1998; Gouveia-Pereira, 1995, 1998; Palmonari, Pombeni & Kirchler, 1990, 1991, 1992; Sherif, 1984). Segundo Cotterel (1996), o grupo proporciona experiências emocionais positivas, através da aceitação e reconhecimento do indivíduo, como alguém que contribui para as finalidades de existência do próprio grupo, e, em contrapartida, o indivíduo ganha no sentido da pertença, da solidariedade entre os membros do grupo, confirmando assim a parcela do auto-conceito que deriva da partilha de uma identidade grupal. (GOUVEIA-PEREIRA et al, 2000, p.191)

Mahoney et al (2004), baseada da Teoria de Wallon, também salienta a importância do grupo de pares na adolescência. Essa fase se caracteriza pela:

Exploração de si mesmo, com uma identidade autônoma, mediante atividades de confronto, auto-afirmação, questionamentos, ao mesmo tempo que submete e se apóia nos grupos de pares, contrapondo-se aos valores tal como interpretados pelos adultos com quem convive. (MAHONEY et al, 2004, p.13)

A relação com outros jovens torna-se uma condição fundamental para a construção de sua personalidade. No grupo o jovem se percebe igual ao seus pares, mas ao mesmo tempo começa a atribuir a si próprio uma maior autonomia ao desempenhar determinado papel no grupo, permitindo que se perceba como indivíduo. (MAHONEY et al, 2004)

Logo, o grupo é um agente socializador, no qual os adolescentes adquirem valores e competências ao longo do seu desenvolvimento. E é justamente no ambiente escolar, onde passa a maior parte do tempo, que ele procura um grupo para se autoafirmar como indivíduo e tornar-se mais independente da família, por isso normalmente quando este é excluído pelos seus colegas de classe ele se sente sem apoio, sem suporte para partilhar os sentimentos e descobertas dessa fase da vida.

De acordo com as vivências, o cérebro pode reagir ao ambiente externo e, nessa interação, toda a biologia cerebral pode ser afetada de forma positiva ou negativa. (SILVA, 2010). A autora especifica que as relações interpessoais possuem uma forte influência sobre a biologia cerebral, ou seja, as trocas sociais, as formas como o adolescente convive com os diferentes ambientes de socialização são significativas para o equilíbrio ou desequilíbrio do seu processo de desenvolvimento.

Fante (2005) reforça que o *bullying* acontece por “meio de um conjunto de comportamentos cruéis, intimidadores e repetitivos, prolongadamente contra uma mesma vítima” com alto poder destrutivo, como já foi visto no capítulo anterior, pois “fere a “área mais preciosa, íntima e inviolável do ser – a alma”. Silva (2010) complementa que “um trauma psicológico é capaz de deixar cicatrizes não só na alma, mas também em nosso cérebro”.

Considerando uma vítima de *bullying* na fase da adolescência, ou seja, uma fase na qual ela já possui os conflitos naturais do período. É constantemente exposta em situações vexatórias, agredida fisicamente, psicologicamente e moralmente e excluída pelo grupo no momento que ela mais quer pertencer a uma “tribo”. Consequentemente esse adolescente poderá apresentar áreas desestruturadas na sua vida, principalmente referente à autoestima e a socialização, podendo ou não haver superações na fase adulta.

Sobre possíveis dificuldades emocionais, Marchesi (2006) afirma:

As dificuldades emocionais dos alunos podem alterar suas relações sociais com professores e colegas e dificultar seriamente sua aprendizagem. Entre elas se encontram a percepção da falta de afeto, o isolamento social, a tristeza prolongada, o sentir-se marginalizado e maltratado. (MARCHESI, 2006, p.82)

Logo, a presença do bullying afetará as relações que os jovens estabelecem no ambiente escolar, abalando assim o desenvolvimento do afeto, do respeito ao próximo e da condução saudável do processo de aprendizagem. Afinal, segundo Gomes (2004) a escola “é o espaço das relações sociais estabelecidas [...]. É o espaço que possibilita as relações sociais que objetivam o conhecimento, sua contínua transmissão, construção e renovação.” (GOMES, 2004, p.163)

O bullying rompe esse processo de construção, pois a vítima passa a ser excluída ao longo do tempo, ela direta ou indiretamente por muitas vezes, é obrigada a se isolar, pois é ignorada pelo grupo.

Para exemplificar serão citados alguns depoimentos que foram encontrados no site de relacionamento Orkut, nas comunidades sobre *bullying* e no Programa Altas Horas da Rede Globo, apresentado por Serginho Groisman:

1º exemplo – Pessoa A

Minha vida foi um sofrimento dos 11 aos 17 anos, porque foi a época de escola, onde sofri bullying e tenho consequências até hoje.

Eu sempre fui uma menina quieta e comportada, usava óculos desde os 7 anos de idade, não tinha um bonito cabelo como as demais meninas e nem tinha dinheiro pra comprar umas roupas bonitas, então começaram a me chamar de “ET”, de feia, monstro, cabeção. Eu ficava irritada e eles gostavam, só que isso foi se tornando algo diário e eu fugia da hora do intervalo, pois ninguém queria minha companhia, então ficava na sala de aula... às vezes queria comprar algo na cantina mas tinha vergonha de ir até lá ou medo de mexerem pelo caminho...jogavam papel no meu cabelo, arrancavam minha tiara, era terrível(...). Hoje sou uma pessoa diferente, já superei alguns traumas, falo em público, não sou tão tímida, sou professora, e mudei minha aparência, uso lentes. Só que o medo de zombarem de mim é o mesmo! O medo de rejeição, da vida, às vezes fico depressiva e choro muito.(...) eu já jurei que não vou ficar lembrando do que passei, mas às vezes as imagens vem na minha mente.

Rede de relacionamentos – Orkut

Nome da comunidade – Sofro ou já sofri Bullying

Tópico – Por favor leiam minha história

10/03/09

2º exemplo – Pessoa B

Tenho 15 anos e ainda não consegui acabar com o meu sofrimento. Os meninos maiores aproveitavam para me bater. Teve uma vez que me amarraram e me deixaram sozinho. Foi horrível e continua sendo péssimo! Eu mudei de cidade

em 3 de agosto de 2006. Eu pensei que na cidade nova as coisas iam mudar, ia ser tudo diferente... que nada! Continuam me fazendo de bobo, me xingando dos mais variados nomes (idiota, imbecil, palito, sem boca, etc...) e sempre fico sozinho no recreio.

Rede de relacionamentos – Orkut

Nome da comunidade – Sofro ou já sofri Bullying

Tópico – Conte aqui sua história um pouco resumida

04/05/2008

3º exemplo – Pessoa C

Já tenho 23 anos, e as coisas passam, no entanto me recordo muito bem sobre experiências com bullying.

Tudo começou de verdade na sétima série, onde eu era xingado, humilhado, ninguém queria fazer grupo comigo, aliás, quando o professor falava "juntem-se em grupo", eu já começava a suar frio. Na educação física eu era o excluído, o último a ser chamado, o retardado, o inconveniente, pessoas de outra sala apontavam pra mim, me chamavam de monstro. Eu fui engolindo isso, tentei falar com meus pais, o diretor da escola, e nada funcionava, porque ninguém está lá no seu lugar, ninguém sabe como é ir pra escola todo o dia e ser xingado, humilhado na frente de todos, de não ter amigos de verdade, de ter que engolir tudo isso, porque se você revida, às vezes fica muito pior.

Na oitava série, continuaram com isso, aliás, pioraram. Eu era ridicularizado por tudo que eu fazia, pelas roupas que eu vestia, pelas músicas que eu gostava, por simples coisas que eu falava, não tinha ninguém para passar o recreio comigo. Mexiam na minha mala, rasgavam meus cadernos e tudo que o diretor falava era que eu tinha que me adaptar, porque quando crescesse iria ser ainda pior.

Rede de relacionamentos – Orkut¹¹

Nome da comunidade – Sofro ou já sofri Bullying

Tópico – Conte aqui sua história um pouco resumida

10/02/2010

¹¹ www.orkut.com

4º exemplo – Pessoa D

Desde a 5ª série, na mesma escola, eu sempre fui criticado, sempre me colocaram apelidos, de orelhudo. Sempre pegavam e me excluía disso aí, tanto que eu sou isolado até hoje, nem namorada eu tenho. Não tenho nenhum tipo de amigo desde a 5ª série e hoje estou no 3º ano (ensino médio). Sei lá, dá vontade de fazer qualquer tipo de loucura. Meus pais conversaram comigo, me mandaram duas vezes para o Psicólogo para ver se eu consigo me soltar mais. É uma coisa da exclusão mesmo porque geralmente eles me criticam, dizem que eu sou orelhudo, que sou feio, essas coisas e isso magoa.

Programa Altas Horas¹²

Apresentado por Serginho Groisman

01/10/2010

Estes são alguns exemplos dentre os milhares, de como o *bullying* pode afetar a vida dos adolescentes. Percebe-se que nos quatro casos, os alvos são vítimas típicas, perseguidas sem nenhum motivo significativo, elas não reagem com agressividade e nutriam um sentimento de impotência diante das situações. O ato de ir a escola se tornou um processo desagradável nos quatro depoimentos, pois além dos insultos e agressões, todas elas se sentiam rejeitadas pelos pares.

As pessoas A e C já não são mais adolescentes, não estão mais vivenciando o *bullying* na prática, porém expressam o quanto foram marcadas por estes atos. Seguem a vida, porém com problemas emocionais, como relatado pela pessoa A, que atualmente é professora e apesar de ter dito que superou vários traumas, ainda vivencia a síndrome da rejeição e o medo de ser ridicularizada em público.

As pessoas B e D ainda estão no período escolar, continuam sofrendo com o *bullying*, possuem tendência para o isolamento e uma consequente inabilidade no convívio social, pois como relata a pessoa D, não possui relação de amizade e é acompanhado por psicólogo para tentar uma socialização com os demais grupos.

¹² O depoimento está disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=4Us_X30qEI4

O grupo de amigos para os adolescentes, como já foi visto anteriormente, funciona como um espaço intermediário entre a família e a sociedade. Nos quatro exemplos as vítimas passaram por processos utilizados pelos demais colegas para excluí-los dos grupos, afinal todos relataram a questão da solidão no cotidiano escolar, justamente uma das consequências do *bullying*, pois normalmente as outras pessoas ficam com receio de se aproximarem das vítimas de *bullying* e acabam se tornando o próximo alvo.

Como diz Pereira com relação aos efeitos do *bullying* (2002):

Estas situações estão associadas a uma série de comportamentos ou atitudes que se vão agravando e mantendo por toda a vida e que arrastam consigo consequências negativas, na maior parte dos casos de alguma gravidade, que estarão sempre presentes, influenciando todas as decisões, imagens, atitudes, comportamentos que a pessoa constrói em relação a si, aos outros, ao mundo e até a própria vida. (PEREIRA, 2002, p.23)

As reações frente ao *bullying* dependem muito de cada ser humano, de qual a relação que ele tem consigo e com o mundo. Alguns podem precisar de ajuda profissional para desenvolver habilidades sociais, outros podem ser resilientes e buscarem a superação, alguns podem carregar o trauma para a vida adulta, assim como desenvolver transtornos psiquiátricos sérios. (SILVA, 2010)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebemos o quanto o *bullying* pode ser nocivo para os personagens envolvidos. Um fenômeno sem fronteiras, pois pode acontecer em qualquer local, basta existir relações interpessoais.

As relações humanas estão cada vez mais deterioradas, reflexo de sistemas sociais em crise, onde os valores estão evaporando e a vida passa a ser algo que se perde virando a esquina, já que a intolerância e a indiferença conquistam espaços.

A escola, infelizmente é um dos palcos destas manifestações agressivas, que sempre existiram, camufladas, porém com o passar dos anos ganham dimensões mais terríveis, e o que deveria ser um ambiente de socialização saudável passa a se tornar um espaço para desenvolver traumas e bloqueios que repercutem pela vida inteira com maior ou menor intensidade.

Buscou-se através deste trabalho, o entendimento do fenômeno *bullying*, suas manifestações e conseqüências e como este pode afetar a vida de qualquer pessoa, mas o foco foi no adolescente pelo fato deste estar passando por profundas transformações corporais e psíquicas, buscando a maturação da sua identidade.

É preciso que pais, educadores, a sociedade no geral, observem com mais atenção a intensidade e o significado dessas atitudes agressivas. A parceria entre escola e família é significativa para tentativa de minimizar tais comportamentos, visando buscar o respeito e o reconhecimento da diversidade. O problema é quando a família é o estopim que estimula essas manifestações.

Compreender a relevância de não se cegar diante do *bullying* é se conscientizar da busca por instrumentos dos mais diversos para tentar lidar com essa e outras situações que contaminam o propósito da escola de desenvolver seres humanos com suas singularidades.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA – **Associação Brasileira de Multiprofissionais de Proteção à Criança e ao Adolescente**. Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes. Disponível em: <<http://www.bullying.com.br>>. Acesso em: 18 abr. 2010

ABRAMOVAY, M.; RUA, M.G. **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco, 2002

ABRAMOVAY, M. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília, DF: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, 2009. Disponível em: <<http://www.se.df.gov.br/sites/400/402/00001920.pdf>> Acesso em: 25 nov. 2010

ALVES, Rubem. **A forma escolar da tortura**. Disponível em: <<http://www.rubemalves.com.br/aformaescolardatortura.htm>> Acesso em: 18 abr. 2010

ALVES, Rubem. **Bullying**. Disponível em: <<http://aprendiz.uol.com.br/content/lehuciduge.mmp>> Acesso em: 18 abr. 2010

AMADO, João; Matos, Armanda; Pessoa, Teresa & Jäger, Thomas (2009). **Cyberbullying: um desafio à investigação e à formação**. Interações - Revista da Escola Superior de Educação de Santarém, 13, pp. 301-326. Disponível em: <<http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/M16%20-%20Amado%20et%20al.pdf>> Acesso em: 10 out. 2010

BEE, H. **O ciclo vital**. Trad. Regina Garcez. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

BOBBIO, N., MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. 3.ed. Brasília, DF: Ed. UnB; Linha Gráfica Editora, v.2, 1991.

CATINI, N. (2004). **Problematizando o “bullying” para realidade brasileira**. Tese de Doutorado em Psicologia. Campinas: PUC-Campinas, 2004. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/2010/Pedagogia/tbullying.pdf> Acesso em 19 abr. 2010

CALHAU, Lélío Braga. **Bullying: o que você precisa saber**. RJ, Impetus, 2009, p. 21-36

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Revista Sociologias, Porto Alegre, n.8, jul./dez.2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222002000200016>. Acesso em: 11 out. 2010

FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. São Paulo: Versus, 2005

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Celma B. Relações de grupo e representações sociais no contexto educacional. **Gestão em Ação**, Salvador, v.7, n 2, pg. 159-177, maio/ago, 2004

GOUVEIA-PEREIRA, Maria, PEDRO, Isaura, AMARAL, Virgílio et al. **Dinâmicas grupais na adolescência**. Aná. Psicológica, jun. 2000, vol.18, no.2, p.191-201.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying** – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, vol.81, nº5. Porto Alegre, nov.2005, p. S164-S172. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2010

MAHONEY, Abigail Alvarenga e ALMEIDA, Laurinda R. de. (org.). **Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004.

MARCHESI, A. **O que será de nós, os maus alunos?** Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Ed Artmed, 2006

OBSERVATÓRIO DA INFÂNCIA. Disponível em: <<http://www.observatoriodainfancia.com.br/>>. Acesso em: 2 set. 2010

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório sobre Violência e Saúde**: OMS, Genebra, 2002. Disponível em: <www.opas.org.br/cedoc/hpp/ml03/0329.pdf> Acesso em: 29 set. 2010

PAREDES, Eugênia C; SAUL, Léa Lima; BIANCHI, Kátia Simone da Rosa. **Violência**: O que tem a dizer alunos e professores da rede pública de ensino cuiabana. Cuiabá: UFMT/FAPEMAT, 2006.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma Escola sem violência**: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Edição: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. **Bullying**: e suas implicações no ambiente escolar. 1º edição. São Paulo: Paulus, 2009

PIKUNAS, J. **Desenvolvimento humano**. São Paulo: McGraw-Hill, 1979.

PRFROMM, Samuel Netto. **Psicologia da Adolescência**. 7. ed. São Paulo: Pioneira, 1979.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro. Fontanar, 2010.

TACHIZAWA, T.; MENDES, G. **Como fazer monografia na prática**. 10. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003

